

# Três receitas para sair desta crise

Todas passam pela negociação da dívida externa brasileira, controle do déficit público e combate à inflação, com diferentes tratamentos

O professor de Economia Antonio Barros de Castro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está pessimista em relação ao desfecho da crise econômica nacional. João Sayad, professor da Universidade de São Paulo (USP) e ex-ministro do Planejamento, ao contrário, está otimista. Para ele, os problemas brasileiros já estão resolvidos e é uma questão de tempo colher os resultados. Mário Henrique Simonsen, professor da Fundação Getúlio Vargas e também ex-ministro do Planejamento, colocou-se numa posição intermediária ontem, durante o painel de debates promovido pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra e transmitido pela Embratel a 26 capitais. Segundo acredita, "a solução é política e depende da vontade da população".

As receitas dadas pelos três economistas passam pela negociação da dívida externa brasileira, controle do déficit público e o combate à inflação. Os temas receberam porém tratamentos distintos. Sayad acha que a sociedade já está cansada de ouvir e falar sobre eles e isso, na sua opinião, só está servindo para disseminar um pessimismo nocivo e incompreensível. "Não há nada de errado com o Brasil e com a sua economia". Para ele, o fenômeno apenas repete situações de queda de crescimento e de inflação acelerada próprias das economias capitalistas.

Antonio Barros de Castro atribui o "imobilismo" dos anos 80 à sucessão de desacertos, de tentativas e erros das fórmulas ensaiadas para a política econômica. No momento em que o Brasil mais necessitava aprimorar o seu sistema de produção, as inúmeras intervenções na economia para o combate à inflação serviram apenas para aleijar as empresas estatais e agravar a "já péssima distribuição de renda da população". Na sua opinião, quando o País adotar uma política de longo prazo para a sua economia, e sua população se conscientizar que a inflação precisa ser erradicada, todos os problemas estarão resolvidos.

Simonsen acha que oito anos de crescimento desacelerado serviram para que a atividade econômica fosse ajustada. "Passamos de um déficit comercial de US\$ 4 bilhões para um superávit de US\$ 12 bilhões. Como Sayad, acredita que a comunidade econômica internacional está conscientizada de que não será possível resgatar a totalidade da dívida brasileira e aceitará negociá-la por até 50% do seu valor. "A solução para esse problema já começa a ser delineada". A questão interna, segundo ele, é mais grave. O desafogo externo não bastará para aliviar a pressão sobre a dívida interna. Recomenda por isso, a atualização das tarifas e preços públicos, o corte das despesas de custeio e a elevação da carga tributária.

